A Caipirinha

Comédia em tres actos

Por

Cesário Motta Jr.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Personagens

Pedro

Joanico

Ignácio

Mandú

Juca

Maroca (Maria Carolina)

Silvinha (Tonico Silva)

Gonçalo

Genoveva

Ricardo

Policiais, Tropeiros.

Actualidade

PRIMEIRO ACTO

(Bosque, Ao F. pequenos casebres. À D. B. casa de Pedro. Em frente um telheiro com uma pequena cruz. Ao F. passa a estrada. Ao centro uma árvore e sob esta, um tronco deitado. À porta da casa de Pedro um tronco deitado.)

SCENA I

PEDRO e JOANICO

(Sentado à D. a 2)

Pedro

(Junto à casa, tece um cesto de taquara. Joanico no chão, faz um alçapão) Então, Joanico para quem é o primeiro passarinho que você caçar no alçapão?

Joanico

O primeiro?... O primeiro é prá a Maroca.

Pedro

E o segundo?

Joanico

O segundo?... O segundo é pra o avô.

Pedro

E os outros?

Joanico

Os outros, vou vendê na villa.

Pedro

O primeiro é da Maroca ... para mim é o segundo Por que é que o primeiro há de ser da Maroca?

Joanico

Uê! O avô não diz sempre que eu devo querer muito bem á Maróca? ... O avô não diz sempre que ella é o retrato da nhã Mãe? ... E que foi Maróca quem me criou?

Pedro

É verdade, Joanico, você deve-lhe querer muito bem... Quando sua mãe morreu coitada da minha filha! ... Não posso me lembrar d'ella, sem que tenha vontade de chorar. (Enxuga uma lagrima) Quando sua mãe morreu, seu pai tinha sentado praça, por artes do capitão Silva que induziu elle.

Joanico

Por isso ha de ir no inferno aquelle coisa ruim!

Pedro

Você era bem pequeno. Alli, n'aquelle logar onde se botou aquella cruz deante da qual rezamos todas as tardes ás ave-Marias, sua mãe teve o ataque de que morreu. Maróca, pobrezinha, chorava que dava dó. Eu agarrei-me com o corpo de sua mãe, unica filha que eu tinha e que Deus me tirava, e pedia com toda força que Nosso Senhor me levasse com ella. Maróca suspendeu você no cólo e veio soluçando me puchar e pedir que não quizesse morrer também, que viesse para amparar a ella e mais você. Ouvi o conselho d'ella ... e temos vivido. Ella tomou conta de você e fez o que sua mãe havia de fazer ... Por isso deve-lhe ser agradecido. Faez bem, Joanico: O primeiro passarinho que caçar dê mesmo para a Maróca, que tem ensinado a você tudo o que aprendeu na escola.

Joanico

(Lev. Chega a Pedro) Avô, o que é que o primo Juca tava dizendo de levá Maróca pra villa?

Pedro

Historias! O Juca ouve cantar o gallo e não sabe aonde! Tinha que ver!... Tirar a Maróca!... A mãe sahiu d'aqui mas depois de morta, Maróca pode sahir, mas depois que eu morrer!... Então porque a gente é pobre, hão de nos tirar a familia, como se fosse uma ninhada de cachorrinho! Tinha, tinha que ver. (Ouve-se ao longe o canto dos caipiras que se vem aproximando) Ahi vem a gente que foram do Silva! Voltam cedo!

Joanico

Avô, aquelle moço que anda caçando aqui, e seu Tônico Silva, móra na Villa?

Pedro

Está nos estudos; vem de vez em quando passar alguns tempos na fazenda do pae.

Joanico

Que moço bom!... Ás veis me dá dinheiro.

Pedro

Desconfia d'essas amizades, Joanico. Os ricos nunca procuram os pobres como nós, por nos quererem bem... Quando nos procuram é que nos querem fazer mal... ou aproveitar alguma coisa de nós.

SCENA II

Os mesmos, **IGNÁCIO, MANDÚ e JUCA**

(Trazem foices e machados, que encostam na casa depois de saudarem Pedro, Juca fica entre as arvores)

Ignácio e Mandú

Boas tardes, Nhô Pedro

Pedro

Adeus, amigos. Vocês hoje largaram muito cedo o Muchirão.

Mandú

Home, nhô Pedro, o sór tava demasiado e o patrão muito caínho na pinga; nois a se matá, a suá n'ua conta e nada de vim da branca! Trabaiemo inté ha pouco e assentemo de botá o arco. E de mai, nhô Ignacio assentô de fallá cá co capellão p'ra fazê hoje uma reza... umas précia p'ra mânda fazê chuve.

Pedro

A chuva já vae fazendo falta, e já.

Ignacio

Nem fallá Nhô Pedro. Mecê s'alembra-se do que aconteceu o anno passado? Se não fosse a reza tudo perdido. Roças marellando e troci... troci que era uma tristeza; feijão morrendo n'uma conta; arroz nem cacheou, e p'ra mais maió disgracia batendo a peste descadera nos animá... tava vendo qui tudo morria de fome.

Pedro

Foi mesmo uma sécca despropositada!

Ignacio

É p'ra móde invita outra que tá é que nois bamo fazê a reza se o capellão quizé.

Pedro

É Bem lembrado!... Mas primeiro bebam café. Joanico ... vá dizê p'ra Maróca que faça café. (Joanico sae D. Ignacio e Mandú sentam.)

Mandú

Nhor, não, nhó Pedro; fica p'rá vorta. Agora nois vae tratá d'isso enquanto é tempo. A sécca faiz muito má p'ra nois tudo.

Ignacio

A proposito; nhô Pedro como vae nhá Maróca?

Pedro

Vae bôa... e nhá Chica?

Ignacio

Isso tá que tá cachaçuda! Tá gorda que nem um capado. Quando dexa todo o mundo tá nhenhem, nhenhem... ella tá forte que nem uma perobera... (Aparte) O que atrapaia um pouco é o papo.

Pedro

Pois estimo. Deus queira que continue sempre assim.

Ignacio

Amen Jesusis, nhô Pedro. (Aparte) Mas o papo carece desminá. (Alto) Ora, nhô Pedro, a móde que ouvi fallá na villa, qui querem lhe tirar a Maróca?... É verdade?

Pedro

Cuido que não. É verdade que me vieram propôr isso, mas eu recusei sem dar ouvidos. E porque hei hei de eu deixar minha neta sahir d'aqui? Era preciso não ter alma, não ter

coração. Vocês bem sabem que ella é uma menina seria, trabalhadeira!... Já algum dia a viram vadiando ou mettida n'alguma função? (Joanico entra com a cafeteira e tijellas.)

Ignacio

Nunca, nhô Pedro, nunca!... E bem farta que faiz.

Mandú

Nem falla!

Pedro

Qual! Há por ahi muitas outras.

Ignacio

Ué! Que esperança! Como nhá Maróca? Nem nhá Chica ganha d'ella!

Mandú

Ninguem! Isso é desengana.

Pedro

O caso é que não acceitei, nem acceito.

Mandú

Faiz muito bem, nhô Pedro!

Ignacio

E se carecê d'arguem p'ra arresistí, conte com nois.

Pedro

Decerto não hão de chegar a esse ponto, Pra justiça a tirar é preciso primeiro provar que ella está ao desamparo, e suponho que ninguem será capaz de dizer semelhante coisa.

Mandú

Lá isso é verdade! Era um farço que levantaram em mecê.

Ignacio

E ansim mesmo eu não sei se lhe diga. Essa gente da villa faiz coisa que nem se acredita. Pois outro dia não quizeram m'atraca na cadeia, p'ra môde uma coisa atôa?

Pedro

(Lev.) Não soube. (Joanico recolhe as tijellas)

Ignacio

Pois não lhe conto nada! No dia santo fui vendê umas, farinha qui nhã Chica feiz e assim que arrecebi o cobre no João da venda, mandei ponhá uns quatro vintém d'ardente e dixei p'ro João; que p'ra mim é a bebida mais gostosa que todas as outras; nem cerveja, nem cunhaco, nada, não pode ganhá da caninha.

Mandú

E mecê tinha toda a razão.

Ignacio

P'ra mecê vê! Nem eu acabava de fallá assim, sarta lá d'um canto, um diabo d'um pé rapado e diz c'um geito de quem qué: Ápoi, p'ra mim patrão, não ha como aguardente do reino! Eu já fiquei apeiado c'o tar diabo! Quem foi que chamô ... Virei p'ra elle e dixei: apoi, patrão, eu não tenho culpa que mecê tê tão mau gosto: cada quá bebe do qui gosta, quando tem dinhêro. O sujeitinho ficou c'uma jararaca de rabo branco e sartô tudo têzo c'uma carranca do inferno e dixei: O que é que você ta dizendo? Você nem sabe o que diz. Home! Perdi as estribera e gritei mêmo no pé d'ovido: Oie que eu não sou rêlojo de arrepetição!... Ouviu seu marcriado?... Você é um grande cachôro! Não seja intrometido! Vae elle, ficou furioso; garra n'um peso de barcão e berrou: deixa ta tu, seu cabroco do inferno, tu me paga: ahi, nem sube mais pataca de mim; pulei no tar e ferrei um tapa na cara d'elle que enrolei-o no chão! Agarraram tudo a gritá e quando eu vi, foi patruia correndo que atirava poeira! Pulei por riba do barcão, varei os quarto, sahi varanda, sartei na cerca do mangueiro! Quando me piei na rua, topei co cavallo de nhô Mandú que tava marrado na cêrca de nhã Chica Nicacia; ponhei-me n'elle e botei-me que vim tirando fogo por essa estrada fóra! E então, si não fosse o cavallo do nhô Mandú, tava eu na cadeia! Oie, d'ahi p'ra cá fiquei querendo bem o cavallo de nhô Mandú, que nem se fosse meu pae!

Pedro

(Sorrindo) E quem era o tal sujeito?

Ignacio

Dispoi, eu sube, que era um tar de Gonçalo, officar de Justiça.

Pedro

Em que você se metteu, nhô Ignacio! Com a justiça não se brinca! Aqui mesmo podiam vim prendêl-o.

Ignacio

Quá o quê! Eu embruiava elles tudo, e se roçassem valentia, dobrava o cacete inté vê!

Pedro

Não é assim homem! Se viesse ordem de prisão, você não tinha remedio senão obedecer... resistir, era peor.

Mandú

(Lev.) Tem razão, nhô Pedro. Mecê é q'uintende bem de todas as coisa. Agora, fica o resto p'ra dispois. Bamo vê o capellão que tá ficando tarde.

Ignacio

Poi bamo... (A Pedro) Uê, que dê nhô Juca?

Pedro

Decerto foi lá dentro conversá co'a prima.

Ignacio

(Sahindo, aparte) Êta! home feliz!... O diabo é que o papo de nhã Chica, senão eu não tinha inveja. (Sahem)

SCENA III

PEDRO e JUCA (D. A.)

Juca

Já foram, Tio Pedro, estou anciado p'ra conversá cum vancê. A historia de levá a prima Maróca p'ra villa, cada veis se falla mais. Ainda hoje no muchirão um bando de gente me preguntou se era certo.

Pedro

Isto me faz perder a cabeça! Ha mais de um mez mandaram-me falla nisso. Respondi que a minha neta não havia de sahir d'aqui. Nunca mais me disseram nada. Como é que agora andam dizendo que hão de tiral-a?...

Juca

Até dizem que fizeram justificação p'ra prová que ella pe orphã e está no desamparo.

Pedro

Mau! (Lev.) Então ha decerto alguma coisa; ninguem havia de inventar tanta historia: preciso saber o que há; mas em todo caso, Maroca não sae d'aqui!... É bôa! Virem-me arrancar a neta que estimo como minha filha, roubarem-me esse meu unico thesouro, o meu coração em nome da justiça? É demais. Ou ha uma no céo e minha neta ha de ficar commigo, eu não ha... E então a gente mesmo é que deve fazel-a. Pois bem, se é isso que querem, acham-me prompto... Tenho uma garrucha que ahi está carregada na estaqueira. Minha mão já tremula e tenho pouca vista, mas ainda assim mesmo me auxiliarão para achar o ponto de puchar o gatilho... Venham soldados, hei de saber ainda embollar o primeiro que quiser abusar da minha fraqueza, roubando a unica felicidade do pobre velho!... Mas não!... É impossivel! Seria uma crueldade, uma tyrania sim nome. Juca, eu vou saber o que há e você ajude-me, ajude-me, Juca. Não deixemos o podão cortar a flor mais bonita da nossa horta. (Sae, E. F.)

Juca

(Levant.) Conte commigo, tio Pedro.

SCENA IV

JUCA, depois MARÓCA

Juca

Pobre do tio Pedro! Se perdê a neta é bem capaz de morrer... (Maróca entrando)

Maroca

Joanico! Joanico!

Juca

Não está aqui, prima.

Maroca

Adeus, Juca!

Juca

Precisa d'alguma coisa?... eu faço.

Maroca

Como apromptei uns novellos de fio que me encommendaram, queria que elle os levasse, mas não ha pressa. (Sentando-se sobre a arvore) Estou bem cançada!

Juca

E triste, prima; o que é que tem hoje?

Maroca

Nem sei! Ha dias em que fico assim... hoje parece que estou mais do que sempre. Accordei bem cedinho... quando abri a janella esperava ver nascer um dia claro, alegre, dei com uma manhã carregada e feia como se fôra as Ave-Marias. Achei que os passarinhos que dobram tão contentes de manhã, estavam cantando tristes; um vento frio passou assoprando pelo meu ouvido; parecia um gemido que vinha do matto. A pomba que todos os dias vem sentar-se no meu hombro, esta manhã nem apareceu. O cachorro veadeiro estava ganindo no terreiro; tudo parecia mau agouro; até uma borboleta preta entrou em meu quarto!... Vesti ligeira e fui ao curral tirar leite; lá achei a vacca berrando e lambendo o bezerro que estaca morto; dos olhos d'ella, viam-se cahir grossas lagrimas, voltei para casa, achei o avô tão triste, Joanico, triste, todos pareciam tão tristes, que me deu vontade de chorar... Veio-me um aperto no coração, comecei a lembrar-me de minha desgraça, do meu izolamento no dia em que o avô me faltar e chorei... chorei como uma creança... parece que o meu coração estaca adivinhando alguma coisa e no entanto... não houve nada, tudo está como era mesmo.

Juca

Não é tanto assim. Prima... ha alguma coisa.

Maroca

Sim? Então o que ha?

Juca

Falam por ahi que vão tirar você, prima, d'aqui. (Lev.)

Maroca

Tirar-me? Como? Que havia de atrever-se? Tirar-me de perto do avô, quem seria capaz d'isso? Não sabem com quem lidam! Por ser mulher, pensam que hão de obrigar-me a sahir d'aqui? Olha Juca, ainda que fosse preciso manejar aquella foice, ninguem me havia de arrancar de casa.

Juca

Pois dizem que é gente do Silva, so tal seu Silvinha que a prima gosta, que a quer levar d'aqui. É como elle paga, a prima querer bem a elle!

Maroca

Não creio que elles façam isso... Você sabe a amisade que eu tenho a seu Tônico Silvinha; minha mãe dizia que creou comigo, crescemos quasi juntos, quando morreu a mãe d'elle minha mãe trouxe cá p'ra casa p'ra distrahir... brincava-se sempre... todo o serviço que eu fazia, elle me ajudava, e assim foi indo até elle ir para os estudos.

Quando voltou já não era o mesmo; veio moço. Quando percebi que elle em vez de me tratar como d'antes, queria fazer de mim uma moça atôa, senti muito, porque eu queria bem a elle desde creança; mas nunca mais lhe dei confiança!

Juca

Pois decerto é por isso mesmo; como você aqui é muito seria, quer ver se levando p'ra villa, vancê muda de procedê.

Maroca

Não; elle sabe, com quem lida. Esta caipira pode querer bem a alguém, mas deixar que pizem n'ella, é que não tem perigo. Não foi de balde que minha mãe ensinou a responder direito aos que pensam que podem abusar dos pobres. Elle que venha e verá.

Juca

Pois Maroca, não sê o que me diz o meu coração que as coisa não hão de sê como nois qué. Nossa vida, decerto que noa continua, como vae indo!... E tão bôa que é!... Tio Pedro passando a sua veísse perto de seus netos, Joanico crescendo debaixo das suas vista, vancê dando vida a tudo isto. Oie, prima, se vancê sahir d'aquí, tudo leva a breca!... tio Pedro não aguenta essa tristeza; seu irmão é bem capaiz de morrê de fome...

Maroca

E você?

Juca

(Enleado) Eu?... eu... hei de vivê... vancê não me quer bem mesmo... hei de ficá triste... si, mas hei de fazê por me consolá... quando matá algum macaco, ou pegar alum tatu, não hei de trazê p'ra nhã prima... ella ta longe... na hora do café, em veiz de vir bebê com voceis em baixo da figueira, hei de ir p'ra ahi algures ver se acho alguma jacuba que me refresque! Em veis de vier á tarde lhe ajudá a prendê o bezerro ou a recolhê os cabrito.. hei de sahir ahi fora, ver se acho alguma função que me distraia. Quando caçá pintasirva, alguma sabipa, em lugá de pô na gaiola e lhe trazê, como sei que você gosta de dobres dos passarinho, hei de olhá bom p'relle... olha bastante... lembrá que vancê já não está aqui... e abri a portinhola, e deixá sahir... deixá os coitado que vão vivê bem perto de quem elles querem bem... Hei de fazê muito p'ra me distrahir... de esquecê de vancê... se vancê não me quer bem... chorá é que eu não hei de... (Chora) Vancê nem havia de se lembrá de mim...

Maroca

Mas que é isso? Vancê está chorando?! Olha, Juca; eu não vou, mas se fosse, do que Deus me livre, nunca havia de esquecê de vancê. Eu quero bem a vancê como se fosse meu irmão.

Juca

Devéras? Mais do que o tar Sirvinha?

Maroca

Isso nem se compára! A elle eu quero bem por creação; a você eu quero por creação, por parentesco, por tudo.

Juca

(Enxuga as lagrimas) Maroca, Deus lhe pague. Agóra é que eu hei de senti mais, se fôr verdade o que dizem de vancê sahi. Estou affrito por vê tio Pedro chegá.

Maroca

Vamos esperar lá dentro; vamos bebê café.

Juca

Pois sim. (Sahem para a casa)

SCENA V**SILVINHA e GONÇALO****Silvinha**

(Em traje de caçador) É aqui, senhor Gonçalo, o velho móra n'aquella casa.

Gonçalo

E V. S. não vae commigo?

Silvinha

Não; nada tenho com sua diligencia. Vim mostrar-lhe a casa... porque o senhor me disse que não conhecia este sitio da Ave-Maria. Offerci os animaes para levar a órfã porque sendo o meu cunhado o tutor nomeado, não quero que digam que comecei mal, não lhe dando uma bôa conducção.

Gonçalo

Pois entendo que V. S. devia ficar por aqui, e mesmo ir commigo. Isto de se ir intimar um homem para entregar a sua neta, não é lá para que digamos... Pode elle sehir de lá com alguns embargos de peróba que não tem graça nenhuma e inutilisa a diligencia.

Silvinha

O que estou vendo é que o senhor é mesmo um poltrão!

Gonçalo

Pois se o senhor quiser, visto ser tão animoso, fazemos um trato: o senhor var intimar o velho e eu... vou caçar para o senhor.

Silvinha

Ora, deixe d'isso. Ponha de parte o medo e vá buscar a menina. É boa! O senhor tem medo de apanhar? Não tem de que! Por certo não é a primeira, nem será a ultima vez que isso lhe aconteça.

Gonçalo

Muito obrigado pelo bom júizo que faz de mim. Vou mostrar que em materia de coragem, não pago vale a ninguem!... Espere ahi, que ha de vêr se um homem com eu, de minha cathgoria, tem lá medo de qualquer coisa. (P. a 2, dirigindo-se arrogante para casa de Pedro, mas no meio pára e volta-se para Silvinha) Então?... Veja este ar. (Continua a caminhar. Silvinha risca um phosphoro para accender um charuto.) Ó senhor Silvinha, já viu? (Volta Assustado) Venha commigo! Os diabos estão armados!

Eu bem dizia! Até já dispararam um tiro! Eu ouvi bulha de espoleta. (Apalpa-se) Que sabe até se hpa me atiraram e eu estou ferido.

Silvinha

Qual o quê! Nem elles sabem de nada! Eu arranjei tudo sem elles saberem.

Gonçalo

Como é isso?... Hum! Logo vi! ... Então a hsitoria toda, foi V. S. que a arranjou, hein? Pois sabe o que mais? Agóra é que eu não vou, nem por mil diabos! Eu, um honrado official de justiça, sendo instrumento do senhor Antonio Silvinha!...Era o que faltava!... A isso eu não presto ainda que o Imperador mande.

Silvinha

Ora deixe-me d'isso, senhor Gonçalo! O senhor o que está é com muito medo. Vá cumprir o seu dever e eu lhe garanto que não lhe acontece nada. (Desce)

Gonçalo

Garante? E se eu tomar uns trumphos de pau, de que serve a sua garantia?

Silvinha

Recorto com os de ouro e mando cural-o se fôr preciso.

Gonçalo

Não comprehendo.

Silvinha

Ande lá, seu maganão! Vá intimar o homem! Desde que a menina seja entregue ao tutor lá na villa, o senhor receberá uns cobres de gratificação.

Gonçalo

Então.... (P. a 2) Mas isso é fóra as custas.

Silvinha

Sem dúvida!

Gonçalo

Mas só depois de entregar a menina. Assim ... fiado ... nada. (P. a 1) N'essa não cahe o filho do meu pae! Um homem da minha cathegoria, não se mette em bandalheiras d'estas, por dinheiro, ainda mais, fiado. Nós somos honrados e temos família não podemos concordar em taes immoralidades. Tirar uma menina honesta de cada de seus Paes! (Aparte) Ainda mais, fiado!

Silvinha

Pois bem. Acho razoaveis os seus escrupulos, mas como o senhor é empregado publico, tem obrigação de cumprir a ordem da autoridade sem indagar se é justa ou injusta ... Cumpra pois: dura lex sed lex! Para provar que acho digno de prêmio este seu procedimento escrupuloso, dou-lhe este dinheiro.

Gonçalo

Não senhor... Dinheiro não recebo... Hão de dizer que é concussão.

Silvinha

Qual o quê! Deixe-se d'isso. Tome lá ... É p'ro labore.

Gonçalo

Enfim, como é gratificação p'ro labore ... (P. a 2) Aceito; mas não pense o senhor que me compra com estes cobres. Vou cumprir a ordem, porque é de lei... dura lex... lex... O senhor não tem nada que dizer a seu cunhado que é para elle tambem me gratificar, se quizer.

Silvinha

Não há duvida, descance, e se elle não gratificar, dar-lhe-hei mais uma molhadura. Vá intimar o velho Pedro, e nada tema. Chegue sem susto. É bôa pessôa e muito docil. Não se ponha molle, que não arranja nada. Mostre-os serio e forte, e eu respondo pelo resultado. O homem mora só com a neta e um netinho. (Aparte) Estou afflicto por pilhar a pequena!

Gonçalo

Muito bem. (Bate no bolso) Agóra já tenho coragem.

Silvinha

Eu fico caçando aqui por perto para acudir se for preciso. (Sae E. M)

SCENA VI**GONÇALO, depois JUCA****Gonçalo**

Vamos á empreitada. Coragem, Gonçalo, coragem! (Indo á casa) Ó de casa!

Juca

O que vancê quiê?

Gonçalo

(Arrogante) O senhor é que é o senhor Pedro Barbosa, avô da senhora D. Maroca?

Juca

Eu, avô?

Gonçalo

(Aparte) Que asneira fui dizer a este rapazote! Pergunto se o senhor é neto do senhor seu avô?

Juca

Cuido que sou.

Gonçalo

Não é isso que eu queria dizer... é se o senhor, seu avô, é o senhor Pedro Barbosa?

Juca

Não é não senhor.

Gonçalo

Como não? Não pode ser! É o senhor mesmo, o neto do seu avô! O senhor Silva não podia me enganar e elle disse que o senhor era o senhor mesmo.

Juca

Elle não podia dizê, que tio Pedro era meu avô!

Gonçalo

Quando eu disse que elle disse, é porque elle disse o que eu digo. É bôa! O senhor quer desmentir um homem de minha cathegoria? Pois então, se o senhor não é o senhor, quem é o senhor que mora aqui?

Juca

Quem mora aqui o tio Pedro.

Gonçalo

Brabosa! Pois é o que eu estou a dizer ha mais d'uma hora! O senhor é que me parece assim um tanto tapado! Desculpa a franqueza. Mas enfim, onde está a pessôa que eu procuro?

Juca

Quem é que o senhor procura?

Gonçalo

Ó meu pedaço d'asno! O seu avô.

Juca

(Sae da casa) Olhe, você dobre a lingua, hein? Pedaço d'asno é você, ouviu?

Gonçalo

(Recuando) Eu não digo que é você... Fallo do seu avô.

Juca

Então meu avô é que é? Como é?

Gonçalo

Está bem, não se zangue... Eu quero saber do tal senhor Pedro Brabosa.

Juca

Sahiu, mas não demora. Se quiser esperar...

Gonçalo

Que remedio!... Mas elle que não se esconda. Se eu souber que elle se escondeu, p'ra não receber a intimação, levo-o para a cadeia.

Juca

Pois então espere ahi.

SCENA VII

GONÇALO, depois IGNACIO

Gonçalo

Que diabo de burro! Eu a perguntar pelo avô e elle a fazer uma misturada dos diabos, chamando ao avô de tio! Ou tio, ou avô, que nem eu fiquei sabendo, se o tio é avô, ou neto do tal. (Toque de sinos) Agora toca a esperar o tal velho. Quando virá? Os sinos estão repicando. Ha festa por aqui. Queira Deus que não levem para puxar á reza. Enfim, como não ha outro remedio senão esperar... (Senta ao centro) O talzinho ia se azedando commigo. (Tira uma garrafa) O caso é que estou bem cansado. Uma viagem como esta, dá sommo devéras. (Bebe) E depois, estou tresnoitado. (Boceja) An... na... na... (Deita-se) Ha tres noites que não durmo... Joguei ante-hontem a noite toda em casa do Philippe... Custou-me passar a batota no parceiro... mas afinal depenei-o em regra... Hontem estive no baile da Rita Pimpona... Esta note foi a diligencia do Perei... (Dorme)

Ignacio

(Sem ver Gonçalo) Ora muito bem. O capellão já mandô tocá p'ra reza. Arre, que temo precisando de chuva, cum tudo os diabos! (Gonçalo resona) Que baruido será este? Parece nhã Chica que ta roncando o papo! (Vendo) Uê! O tar tapa-oio lá da venda, quem sabe se elle vem-me prendê? Elle ta cum papé no borso. Decerto é orde de prizão... Mas eu já impino este diabo! (Procura roubal-o)

Gonçalo

(Accorda e grita) Entregue-se senão está preso!

Ignacio

(Assustado) Entregue o quê? Pois eu não tirei nada!

Gonçalo

(Esfrega os olhos) Está preso, já lh'o disse!

Ignacio

(Aparte) O diabo tava fingindo que drumia! Cahi no mundéo! Como fui bocó!

Gonçalo

P'ro pau! Entregue a menina!

Ignacio

Que menina home? (P. a 2 aparte) Eu preso? Pobre de nhã Chica! Será ella a tar menina?

Gonçalo

(Avança e reconhece Ignacio. Pára.) Ah! É V. S.?... (Aparte) Ó diabo! Que mão pezada elle tem!... É bem capaz de repetir a dose e... eu não estou muito pelos autos. Se soubesse cá eu não vinha!

Ignacio

(Aparte) Oia, como elle oia p'ra mim de banda! Se soubesse d'isso antes, eu tinha ido puchá cipó!

Gonçalo

Então é V. S.... V. S. é que estava aqui? A menina?... Ora vejam só!... Dormi um pouco e sonhei que V. S. estava com a menina aqui e que não a queria dar... este sol...

Ignacio

(Aparte) Decerto é alguma bebedeira! (Alto) Eu logo vi que era sonho... Mas então o sinhô quer alguma coisa?

Gonçalo

Procuro o Sr. Pedro Brabosa neto, digo, avô da neta da Sra. D. Maria de tal... Órfã aqui residente. É V. S.?

Ignacio

Como é? Seu eu sou orfã?

Gonçalo

Não senhor... Perguntei, se V. S. é o senhor Pedro Barbosa.

Ignacio

(Aparte) Vou imbruiá este diabo! Pensando que sou Nhô Pedro não me há de prendê, a burra d'elle não foi com nhô Pedro. Ha de cuidá que eu não sou eu.

Gonçalo

V. S. não responde... tem algum medo?

Ignacio

Quaes medo o quê? Eu sou mêmo nhô Pedro, avô de nhã Maroca, e meio parente de Chica, minha muié. Agora vancê diga o que qué no mai.

Gonçalo

Então, Sr. Pedro Barbosa, tenha a bondade de ler este papel.

Ignácio

Não leio. Tou esquecido.

Gonçalo

Pois leitura é coisa que se esqueça?

Ignácio

Desde que sahi da escola não li mai nada. Depoi andaro mudando as letras que ficô uma trapaiada que não se pode lê com dantes!

Gonçalo

Como assim?

Ignácio

Ó senhor! Pois vancê não sabe que mudaro a libra p'ra litro. Que oi não se escreve mai salamé? Que a vára viro metro, qui duas quartas em veis de escrevê meia libra, botaro um kilo?....

Gonçalo

Mas as letras são as mesmas.

Ignacio

Oh! Seu officiar, vancê não duvide! Já outro dia vancê se sahiu-se mar... Duvidô commigo... esta coisa, duvidô eu nhô Ignacio... agora qué outra veis historia c'oa gente.

Gonçalo

Nada, não senhor... Vocemecê tem toda a razão. Tudo mudou... As arrobas para kilo, as oitavas para grammas.

Ignacio

P'ra gramma vá elle! Se vancê qué gramma, vá p'ro cercado que tem bastante gramma p'ra elle afogá, seu coisa! Vá dizê isso p'ro nhô Ignacio que elle lhe dará um trôque.

Gonçalo

Desculpe, Sr. Pedro, não tive intenção de offendel-o. Não falle mais nisso. (Aparte) Estou arranjado, não tem duvida! (Alto) Tratemos de minha incumbencia. Venho intimar V. S. para entregar a sua neta orfã, que está em seu poder, para a levar ao tutor.

Ignacio

Mai, quem é que le encommendou esse sermão?

Gonçalo

O meretissimo Juiz dos orphãos, depois de ouvir o curador geral.

Ignacio

O curado? Poi alguém tpa doente aqui? O curadô viu nhã Maroca, p'ra informá o Juiz que ella ta doente?

Gonçalo

V. S. o saberá melhor, mas aqui não se trata de doença. Trata-se...

Ignacio

(Interrompendo) Á poi, qué sabê d'uma coisa? Trate lá do que quisé pra mim pe o mêmô, não entrego nhã Maroca nem por os diabo!

Gonçalo

Mas veja que a sua responsabilidade é muito grande e...

Ignacio

Pode que seja dos tamanho do inferno, que me importa! Por isso é mio vancê vortá p'ra trais.

Gonçalo

(Aparte) Levou tudo a breca! ... E a gratificação? (Alto) Mas Sr. Pedro, attenda que... dura lex, lex, lex.

Ignacio

Não tem leque, nem nada! E o mais mió é vancê não ateimá, senão... (Com a foice que foi buscar) Aqui memo emendamo baeta e ajustemo as conta do desafôro lá da venda.

Gonçalo

Que desaforo, se fui eu a victima? (Aparte) O Silvinha me trahiu! Pois isto é gente mansa? (Alto) Sr. Pedro, se o senhor não quizer entregar...

Ignacio

(Ameaçando) Já p'ra traiz, seu aquelle! Ponha-se!...

Gonçalo

(Medroso) Eu já vou, senhor. Eu já vou, mas não me mate! Deixe-me passar que eu vou voando! Ai! Ai! Socorro!

SCENA VIII**Os mesmo, MAROCA e JUCA****Ignacio**

Purque grita, sô patife? Ponha-se!

Maroca

(Correndo) Que é esto, meu Deus?

Gonçalo

É seu avô que me quer dar cabo de pelle!

Maroca

Meu avô?

Ignacio

Aqui esse petulante troxe orde p'ra levá mecê e pegou de me isurtá aqui!

Gonçalo

Insultar? Não ha tal! É faços!

Ignacio

(Ameaçando) Então eu tou mentindo sô demonho?

Gonçalo

Não senhor, não, eu é que estou...

Ignacio

Ah! Então é verdade que me insurtou?

Gonçalo
É.

Ignacio
Então tome o pago!

Gonçalo
Não é... é...

Ignacio
Falla, diabo! É, ou não é?

Gonçalo
(A 4. detraz de Maroca) É!... não é... menina, valha-me por quem é!

Maroca
Mas afinal o que vem a ser isto?

Gonçalo
É que o juiz nomeou um tutor para a menina e eu vim buscal-a para entregual-a ao tutor.

Maroca
Nomearam tutor p'ra mim? Pois eu não tenho avô, que é mais do que tutor, é um bom pae? Quem ha de fazer por mim o que elle faz?... Quem ha de me estimar como elle me estima, me protejer como elle me proteje, guiar como elle me guia? Portanto, senhor, volte, e vá dizer a quem lhe mandou, que eu d'aqui não saio nem que me matem.

Gonçalo
Mas a menina...

Maroca
Não tenho obrigação de ouvir senão meu avô... é a elle que eu devo tudo e não ao juiz. Vê aquella cruz, senhor? Foi alli que morreu minha mãe, é alli que eu accendo alguma vela quando tenho mêdo de alguma desgraça, quando preciso de algum socorro e minha mãe nunca fica surda ao meu pedido; ella me ouve e me accode em todas as minhas afflicções. Em nome d'essa cruz, senhor, não me leve d'aqui. (Chora) Eu hei de deixar este lugar a que me prendem tantas recordações? Não! Oh! Não! Como deixar a casa em que cresci? As arvores que plantei as minhas creações, as minhas flores, a cruz de minha mãe... e tudo o que eu mais amo na vida? Nunca!...

Ignacio
A poi... isso pe que eu digo p'reste diabo, e elle inda não vortó rosto atraiz.

Gonçalo
Mas é que o juiz dos orfãos....

Maroca
Dizem que o Juiz dos orphãos é juiz que zela por nós... sendo assim, elle não pode querer arrancar-me de meu avô, que zela por mim... para me atirar n'algum logar que pode ser mais rico, mas tambem pode ser de perdição... não pode obrigar-me a deixar

meu irmãozinho que também é orphão e que criei nos meus braços... que eu ensino, que eu trato. Sahir d'aqui? Como deixar meu avô, pobre velho, quasi paralytico?

Gonçalo

(Olhando Ignacio admirado) Pois este homem sacudido pe quasi paralytico? Só se os paralyticos d'aqui, são mais robustos do que os são lá da praça.

Maroca

Mas este não é meu ave.

Ignacio

Mau, mau!... (A suar) Nhã Maroca!

Gonçalo

E então quem é seu avô?

Juca

(Entrando) Seja quem fôr, o senhor não tem nada com isso. Volte, homem, oiça o meu conselho e volte quanto antes. Vá dizer préces que lhe mandaram, que assim com nós não precisamos d'elles, elles que não se importem com nois. Qual é o nosso crime?... p'ra elles mandarem aqui justiça cortar, separar a familia de uma pessôa. É por sê pobre? Sêmo pobre, sim, mas trabalhamos, com o nosso braço p'ra não precisá pedi um pedaço de riqueza d'elles. Elles lá na villa como nos prato de loiça tudo doirado e nois em prato de foia... é verdade... mai nosso feijão é mais gostoso porque custo o nosso suó do nosso rosto e não o trabaio do nosso semeante. A carne do nosso cardeirão é mai gostosa porque cacemo a paca, o veado, a perdiz, sem i pedi p'relles um vintem emprestado, sem furá pezo, um vintem ao nosso proximo.

Gonçalo

(Aparte) O diabo do caipira desenrola bem as suas asneiras. Parece-me um advogado na audiencia. Decerto é o letrado aqui do bairro.

Juca

Por isso, seu coisa, ouça bem o nosso conceio: vá se embora e não se metta mais com nois. Semo pobre sim, mas não se deixa ninguem pizá no nosso pescoço. O que nois quero pe que vancês lá da villa não simporte com nois; deixem a gente vivê feliz e assocegado, (Toma a foice) Está ouvindo? Ponhapse d'aqui e já!

Ignacio

Home não nhô Juca. Qué vê? O mior é darmo uma lição neste sujeito p'relle não cahir noutra, Joanico! Joanico!

SCENA IX

Os mesmo e JOANICO

Joanico

(Dentro) Nhô já vou.

Ignacio

Trai o reio de seu avô. Nhô Juca, não deixe elle se escapuli!

Gonçalo

Ai! Nossa Senhora da Misericórdia!

Ignacio

Vamos passar o rendaço n'este diabo!

Gonçalo

Ai senhor bom Jesus de Pirapora! Vai-me n'esta afflicção! Moça me acuda! Eu juro que não lhe levo mais, e que não volto mais aqui. (A Ignacio) Senhor Pedro, Sr. Pedro, perdoe! (Joanico entra e entrega o rellho)

Ignacio

Qua Pedro, nem mane Pedro! Agora não sou mais nhô Pedro!

Maroca

(A Ignacio) Nhô Ignacio, deixe elle...

Ignacio

(Desenrola o relho que Joanico lhe entregou) Na terra! Isso agora nem por Deus Padre! Aqui essa gente pensa que todo dia é tempo de eleição, que manda a gente votá com delegado, que se não prendem as pessôas e tomam as terras que se tem? Tão enganados! Agora é outra coisa!... Nhô Maroca mecê d'aqui não vae. Nhô Juca, pegue lá esse tihoso!

Gonçalo

(Desviando) Me accudam! Me accudam! Pelo amor de Deus!

Maroca

Não faça isso!

Gonçalo

Socorro! Quem me acode!

SCENA X**Os mesmos e PEDRO****Pedro**

(Entrando) Que é isto? Que barulho pe este?

Ignacio

Esta tranca de officiar de justiça que veio buscá nhã Maroca e pois-se de desaforo, e nois assentou de dá uma lição n'elle, p'ra elle não torná noutra.

Pedro

Então o senhor veio buscar minha neta?

Gonçalo

(Tremendo) Com este mandado do Sr. Juiz de orphãos.

Pedro

E vocês querem dar uam lição a este miseravel?

Juca e Ignacio

Por força!

Pedro

Lição, lição!... Não é este desgraçado que precisa... bem sabe o papel que representa... Quem precisa a lição sou eu, que cada vez me convenço mais de que não conheço este mundo enganador e mentiroso em que vivemos... São esses homens d'essa maldita villa que não sabem nem fingir que fazem justiça; que não conhecem as tristezas que causam no coração d'um pobre. Larguem esse homem!

Ignacio

Mas nhô Pedro...

Pedro

Larga, larga esse homem. Que culpa tem a faca que o matador enterra em nosso coração? Que culpa tem o cachorro que atijam contra nós? Esse homem não é tão culpado, tão cruel, tão desgraçado como os que mandam elle.

Juca

Mas tio Pedor, Maroca não vae.

Pedro

Que remedio, Juca.... Vae!

Maroca

(Chorando) Ah! Senhor!

Ignacio e Juca

Vae?!

Gonçalo

(Animoso) Bôa duvida!

Joanico

Não, avô, não deixe ella ir.

Pedro

O capitão Silva entende que não ha remedio... Desde que o Juiz manda, tem de seguir... O tutor é genro d'elle e elle promette proteger Maroca.

Maroca

Proteger! Protecção só preciso de Deus e de mais ninguem. Eu graças a Deus não preciso de protecção... nada soffro... nada necessitom tenho mãos para trabalhar. Quero só viver aqui com o avô, Tratar do avô.

Joanico

E de mim, Maroca?

Maroca

Sim, e de você Joanico, qu eu quero tanto bem.

Juca

Não deve ir.

Joanico

E não vaie mesmo, não é, avô?

Pedro

Não ha outro jeito. Ha de ir. Da justiça não se abusa. E eu não quero que fiquemos todos mais infelizes ainda! Se resistrimos... onde ira pará! Vocês querem todos ser presos? Querem-me ver na cadeia? Que ha de amparar esta creança?

Maroca

Pôr o avô na cadeia, nunca! Então eu vou.

Pedro

Neta da minha alma!... Alma da minha filha! Neta de benção.

Gonçalo

(Aparte) Estou escapo! Mas parece-me que estou com penda d'este velho.

Ignacio

Veja seu demonho! O que vancê veio fazê! O que eu sinto pe não se minh neta. Como vancê não se atreve a ir tirá a nhã Chica, com seu papo e tudo? É porque tem medo cá do déga!

Maroca

Avô... Porque é que me tiram d'aqui?

Pedro

Por seres orphã.

Maroca

A senhor! Minha mãe, minha mãe! Quanta desgraça eu ainda com a sua morte tenho de soffrer! Accudi-me, minha mãe! Valei-me! (Ajoelha-se chorando ante a cruz. Ouve-se os sinos)

Ignacio

Vae sahir a procissão. (Sae E. F. a 3)

Pedro

Não chore, minha filha. Console-se com seu avô... A dôr do seu coração não é metade do que eu soffro dentro da minha alma!... Não chora, Maroca. Você é moça forte... ainda tem muito tempo para vencer os males da vida. Eu tenho diante de mim a sua falta... A minha tristeza e a sepultura!... Não chore, Maroca... Tudo se acaba, até as nossas desgraças. Sua mãe no morreu tambem? (Fóra ouve-se o canto "Santa deu Gratia, Ora pro nobis")

Ignacio

Ahi nossa ladainha.

Gonçalo

(Aparte) Uff! Do que eu escapei! Deixa-me aproveitar, a vaza e chegar a condução para levar a pequenam antes que venham outros embargos. O caso é que agora estou com dó deste velho. Mas que fazer?... Dura lex, lex, lex.

Pedro

Procissão, rezas... para que rezar?... Querem que chova?...Se eu dou todas as minhas roças, todas as minhas riquezas do mundo para ficar com esta minha riqueza, minha ultima alegria, que decerto vai morrer para mim!

Maroca

Avô, pelo amor de Deus, não falle assim.

Pedro

Pelo amor de Deus... Como você falla em Deus, se elle se esconde para não ouvir o que nós estamos pedindo! Deus! Deus que é cego, que é surdo... que furta você de meus braços... é um Deus ladrão! Não! Não é Deus! Se hovesse um Deus... elle seria bom... ninguem te tirava de mim. Sim! Não ha Deus! É mentira! É uma impostura dos padres!

*

Cae o panno

Fim do 1º Acto.

SEGUNDO ACTO

(Sala modestamente mobiliada. Porta ao F. À E. uma janela. À D. duas portas, entre elas um painel de Nossa Senhora)

SCENA I**GENOVEVA e GONÇALO****Genoveva**

(A 1. sent.) Então o senhor vio-o mesmo na mesa de jogo?

Gonçalo

Com estes olhos que a terra ha de comer.

Genoveva

E fallou-lhe?... Recomendou-lhe o que lhe pedi?

Gonçalo

Com esta bocca que a morte ha de fechar.

Genoveva

Mas elle continuou sempre a jogar e a perder.

Gonçalo

Com aquella mesma caipora que ha de dar-lhe cabo dos cobres.

Genoveva

Que infelicidade, meu Deus! Quantas noites passadas sentada n'esta cadeira á espera d'elle! Não ha o que o desvie do vicio. Nem os meus incomodos, nem a recomendação de meu pae, nem as minhas supplicas, nem os nossos prejuisos. Nada, nada o afasta d'aquelas malditas mezas!

Gonçalo

Isso é assim mesmo, senhora dona Genoveva. Dizem que a bebedeira é o peor dos vicios; eu não acho. A cachaça bebe-se quando ha dinheiro; o jogo procura-se quando se tem e ainda mais quando se não tem.

Genoveva

Como assim?

Gonçalo

Quando se tem, vae-se com vista de arranjar mais; quando não se tem, na esperança de arranjar algum. Chega-se, procura-se um amigo com quem se tenha confiança e que accusa uma parada, grita-se logo: Bata commigo, fila-se apparece um nove na frente; continua-se a filar, vem por detraz um rei... bate-se... ganhei. Venham os cobres. Com este principio toma-se um logar na roda; chega o baralho, carteia-se por deante, emquanto a fortuna nos ajuda.

Genoveva

E se perde a primeira parada?

Gonçalo

Se se perde, logo se diz: está bom, devo-lhe tanto! Volta-se para o visinho a quem já se serviu uma vez: - Ó fulano, empresta-me 20 mil reis?... E assim, enquanto ha vento, mólha-se a véla... Ganhando-se, recebe-se, se se perde, não se paga.

Genoveva

Não paga?

Gonçalo

Paga, quem tem com quê. Por exemplo: o capitão, o seu marido, seu irmão, etc., etc. Mas os outros vão todos pela corta. Ainda hontem, o senhor seu marido deu emprestado cem mil reis a um sujeito que os perdeu todos e hoje abancou p'ra fóra.

Genoveva

E como foi elle cahir n'essa?

Gonçalo

Não foi por falta de eu lhe dizer: Senhor Ricardo, olhe que elle não lhe paga!... Mas é que na vespera o tal sujeito pr vezes lhe déra 20 mil reis que o Sr. Ricardo pagou na mesma noite.

Genoveva

Gente de bem não deve jogar onde se senta tanta canalha que pede emprestado e não paga.

Gonçalo

Não apoiado, senhora dona, não apoiado! Hoje em dia, quem se senta a uma meza, é tão bom como tão bom! Não dizer que este é mais canalha que o outro. Tirante seu marido, seu irmão e este seu creado, tudo o mais é farinha do mesmo sacco!

Genoveva

Pois o senhor joga? O senhor que se diz pobre? Onde vae achar dinheiro para jogar?

Gonçalo

Eu sou dos de segunda classe. Só ganho, porque recebo o que ganho e não pago o que perco. É moda que estou seguindo. Patotas, sim, não ponho mesmo. Com a caboclada, os toucinheiras ainda vá, mas com gente bôa, não tem perigo!

Genoveva

E o senhor joga com gente bôa?

Gonçalo

E porque não? Então a senhora dona pensa que jogador escolhe? Isso é no vispora, no voltarete, no solo, joguinhos quase leite de pato! Mas os grandes jogos, quem tem dinheiro senta-se em qualquer meza. Gente que na rua nem nos conhece, commendadores, doutores, juizes, pessôas emfim que pensam ter o rei na barriga, quando veem para uma meza de jogo, vão se sentando sem mais cerimonias. Se perdem

ficam humildes como cordeirinhos; pedem dinheiro emprestado a qualquer pé rapado, ouvem desafôros sem piar!... Enfim, no jogo ninguém tem opinião, se tem vício ha de sellar com qualquer estampilha.

Genoveva

(Lev.) É isso que desespera! Pois bem, senhor Gonçalo, não se esqueça de acompanhar meu marido e de vir dire-me tudo quanto se passar. Quero que continue a auxiliar-me em combater esse defeito tão horrivel! Mas agora me lembro: como ha de o senhor ajudar-me, se o senhor tambem joga?

Gonçalo

Ora é bôa! Eu jogo para servir aos que não jogam. Jogo para desmoralisar, para combater o vicio!

Genoveva

Não creio... (P. a 2) Mas seja. Evite que se joguem e conte com minha generosidade.

Gonçalo

Sem duvida. A proposito, senhora dona... Não será possivel que...

Genoveva

Já sei... Quer algum dinheiro, não é isso?

Gonçalo

Como a senhora dona é perspicaz! Eu não disse... mas é que para espiar é preciso ir a essas casas... fazer alguma despeza.

Genoveva

(Dá uma nota) Pois tome, e adeus. Cumpra o que prometeu.

Gonçalo

Antes de ir, minha senhora, desejava fallar com o seu Tónico Silva.

Genoveva

Vou previnil-o. Faça tambem por nhô-nhô, o que lhe pedi por meu marido.

Gonçalo

Fique descansada, senhora dona, hei de ser cabrião dos dois. (Genoveva sae) Dizia o padre Vigario, que na ladainha, faltava uma santa... A santa simplicidade. Se eu pudesse, punha esta dona Genoveva na ladainha. Pois eu havia de afastar do jogo meus melhores freguezes?... Eu pe quem ganho pela certa. Se elles perdem, eu ganho; se não perdem, a mulher paga-me... Isto é que pe ser fino. Mas bandalheiras, não. Bandalheiras é que eu não faço, nem pelo diabo!... O peor é que anda com troça este senhor Silvinha. Até hoje ainda não me deu a molhadura que prometeu arranjar do cunhado. De repente metto-lhe os pés d'uma vez. Não estou pra prestar-lhe toda a vida a creançolas mal agradecidos.

SCENA II**GONÇALO e SILVINHA****Silvinha**

(a 2 da D. A.) Adeus, Gonçalo! Que queres de mim?

Gonçalo

Boas noites, meu amo. (Depois de espreitar ás portas) Tenho a contar-lhe a coisa hoje é na casa do João da venda. Entra-se pelo quintal. Entrando, dá-se logo com um quartinho ao fundo. É ahí que esta a meza. Chegou o João Roberto, fazendeiro muito rico e cahido pelo jogo como macaco por banana! Portanto, não falte!

Silvinha

É possível!... Mas tenha empreza maior para a qual conto contigo.

Gonçalo

Maior? O que poderá ser? Emfim... comtanto que não falte dinheiro e não traga perigo, eu estou prompto. Mas veja se vae ao menos dar umas duas ou tres cartadas no tal. Daquelas...

Silvinha

Se a mana demorasse hoje para ir ao Club... hei de chegar até lá. Por enquanto vae esperar-me na esquina.

Gonçalo

Não tenha duvida. Á fé de official de justiça que lá estarei com promptidão... Não se esqueça que o senhor ainda me não deu aquelles cobres... hein? (Sae)

SCENA III**SILVINHA, depois GENOVEVA****Silvinha**

Até que afinal, vou ralizar hoje o meu plano! É coisa notavel! Tudo quanto quero, tenho conseguido. Venci a avareza de meu pae para comprar os melhores cavallos que aqui existem; abandonei os malditos estudos, que me comiam o tempo e a paciencia. Possuo a melhor chacara do lugar e aformoseada á minha vontade; não ha moça na terra que não me queira esposar... entretanto, procuro convencer a caipirinha para ir morar commigo e ella regeita a pés juntos! Ah! senhor! Mas, hoje, por bem ou por mal, ha de ser minha! A mana não leva a filha ao club, ha de deixal-a com ella. (Examina a janella E. A.) Entrarei por aqui, visto estar sem tramella, e que elles ignoram. (toma o chapeo) Vamos esperar que saiam. (Vae a sahir, Genoveva entra D. B.)

Genoveva

(Da D. B. a 2) Nhô-nhô, você dorme hoje aqui, ou vae á chacara?

Silvinha

Provavelmente irei á chacara.

Genoveva

Desejo saber, porque se não vem, mando fechar a porta por dentro.

Silvinha

Pode mandar. Então a mana deixa mesmo a caipirinha?

Genoveva

Pudera não! Uma relaxada d'aquellas não pode ir commigo ao club. Depois, é tão mal creada que não merece contemplação.

Silvinha

O que me admira é a sua paciencia. Porque não a despede?

Genoveva

Nem sei porque.

Silvinha

Diga-me, mana; já arranjou a obrigação do cunhado?

Genoveva

Já; mas você ha de prometer-me não jogar mais.

Silvinha

Prometto. Pago as minhas dividas e não me sento mais numa meza de jogo.

Genoveva

Aqui a tem.

Silvinha

Obrigado, mana. Até amanhã.

Genoveva

Bôa noite. Conto com a promessa. (Silvinha sae F. Só) Jogador!... Que horrivel pecha, meu Deus!

SCENA IV

GENOVEVA e RICARDO

Ricardo

(D. B. a 2) Então, não são horas de irmos, Genoveva?

Genoveva

Estou quasi prompta.

Ricardo

E a caipirinha?

Genoveva

Essa fica. O que vae fazer lá? Fica com Yayá.

Ricardo

Devias leval-a. Uma menina, ficar só n'esta casa...

Genoveva

E o que tem isso? Fecha a porta por dentro.

Ricardo

Dirão que nós a privamos de tudo.

Genoveva

Que digam! É bôa! Como se ella merecesse muito! Uma lesma incapaz do menor serviço... O que faz ella aqui?

Ricardo

Eu vejo-a sempre trabalhando.

Genoveva

Se o senhor parasse mais tempo em casa, não diria isso.

Ricardo

Nem pode ser de outro modo. Se não temos outra pessôa... Quem faz todo o serviço?

Genoveva

Minhas mãos que o digam! É isso!... Os senhores são mesmo assim! Estragam tudo que a gente faz. O pouco que ganham estragam no maldito jogo! Obrigam-nos a trabalhar o dia inteiro, e por fim, attribuem o serviço que se faz, a uma miseravel, sem a menor serventia! Desgraçada a hora em que entrou para casa semelhante caipira!

Ricardo

Escute, senhora, Eu não desconheço o quanto você ajuda, o que eu digo é que é muito exigente para com a caipirinha.

Genoveva

Sou muito exigente?... Eu é que sou exigente?... Ella que vadia, que maltrata minha filha, que me responde com desaforos, que queria passar as tardes plantando suas flores na horta, a fingir que chora a todo o momento e eu a trabalhar, e cuidar da casa e da menina... Eu que sou a ruim!... Está-me parecendo que é este o seu desejo: não pense que não tenho desconfiado d'esse seu entusiasmo em defender a tal sua pupilla.

Ricardo

Pois mulher, o remedio é facil. Requeiro dispensa da tutel e ella vae para outra pessôa. (Vae á janella)

Genoveva

(A 2) Sim senhor! Muito bem!... Ella vae para outra pessôa, e sua mulher que fique na cosinha, que lave a roupa da sua filha, que faça emfim, todo o serviço da casa! Oh! senhor! Que grande amor este senhor meu marido me consagra!

Ricardo

(Desce a 1) Vivinha, para que você pe má? Seu eu fallo em despachal-a, é porque você acha que ella não serve para nada. (Pega no jornal)

Geneveva

Pois despache-a. Quem o impede? Despache-a, mas então compre uma negra para me servir. Onde está a Jacintha, a Gabriella creoula que meu pae me deixou? ... O José?... Você não os enterrou todos no jogo? ... Agora, eu que aguento as caboclas que você me trazer!... Hei de aguentar por não ter outro remedio, mas ao mesmo tempo hei de descompol-as, todas as vezes que quizer, sem me importar com as sua defezas imprudentes, tolas e inconvenientes.

Ricardo

Seja tudo pelo amor de Deus! (Accende o charuto)

Geneveva

Está bom, vamos; são horas.

Ricardo

Vamos

Geneveva

Mas ainda tenho que dar umas ordens á caipirinha.

Ricardo

Então não vamos.

Geneveva

Que homem insupportavel! (Chama) Caipira! Ó caipira!

Maroca

(Dentro) Senhora!

Geneveva

Venha, sua lerda!

Ricardo

Que expressão!

Geneveva

Não é da sua conta!

SCENA V**Os mesmos e MAROCA****Maroca**

(Da D. B. a 3) Aqui estou minha senhora.

Geneveva

Que dê Yayá?

Maroca

Esta dormindo no quarto.

Geneveva

Pois fique aqui perto. Se ella accordar, accomode-a até eu voltar. Veja se vae dormir tambem.

Maroca

Como dormir, se eu tenho tanto medo de ficar só n'este casarão?

Geneveva

Olhem lá a medrosa! Então precisa companheiro, não?... Olá, Ricardo, não quer ficar fazendo companhia a sinhá moça?

Ricardo

Senhora! (Sobe)

Geneveva

Já lavou a louça?

Maroca

Já, sim senhora.

Geneveva

Já passou a camisola de Yayá?

Maroca

Já, sim senhora.

Geneveva

Já preparou o café para amanhã?

Maroca

Ainda não, senhora.

Geneveva

É isto! Coisa insuportavel! Não é capaz de fazer o que se manda. Então o que fez a tarde inteira? Vadiou só, não?

Maroca

Trabalhei, senhora...

Geneveva

(Baixo a Geneveva) Que mais você quer, Vivinha?

Genoveva

(Idem) Que não se metta onde não é chamado! (Alto) Ainda diz que trabalhou!... Então eu estou mentindo, hein?... E o senhor Ricardo!... ouve estas coisas como se fosse com gente estranha!... Assim chegasse a hora de me ver livre d'esta lesma.

Maroca

Ah! minha senhora! Seria o dia mais feliz da minha vida!

Genoveva

Viram só! Mal agradecida! Culpa tive eu de a receber aqui!

Maroca

Ah! minha senhora, é facil livrar-se d'essa culpa.

Genoveva

Respondona! Malcreada! Cale-se, senão torno a passar-lhe os bolos.

Maroca

Calar-me... E o faço eu senão isso?... Soffrer, calar, e chorar. (Chora)

Genoveva

(Gritando) Cale-se!

Ricardo

(Aparte) Infeliz creança!

Genoveva

Depois ahi vem um chuveiro de lagrimas.

Maroca

E como não chorar?... São tantas as injustiças, os maus tratos que soffro....

Genoveva

Maus tratos! Decerto não são peiores do que os que recebias dos caboclos, teus iguaes, teu avô...

Maroca

Meu avô!... Oh! minha senhora, por quem é, não me falle em meu avô! Eu respeito muito a senhora, é a mulher do meu tutor, mas nem a senhora, nem meu tutor, ninguem!.... ninguem é capaz de fallar de meu avô.

Ricardo

Está bem. Senhora vamos.

Genoveva

Chegou-lhe agora a pressa?... (A Maroca) Olhem como está isto, toda grande! Se até do Imperador pode-se fallar, quando mais do seu grande avô! É algum rei de congada?

Maroca

Não é, senhora, mas é mais do que rei. É um homem que nunca fez mal a ninguém. Foi soldado, quando ninguém queria ir defender a nossa terra... foi um pae, como ninguém teve!... Meu avô é pobre mas vale mais do que muitos ricos, porque, se não tem dinheiro, tem coração, muito coração! Coração como ninguém, e nunca andou tirando filhas alheias para jogar na cosinha como escravas, a encher de injurias e de castigos, para soffrer fome para morrer de miseria e de vergonha!

Genoveva

Ora vejam como está isto levantada!... (Correndo para ella) Não sei onde estou, que não lhe metto a mão!

Ricardo

(Detendo-a) Deixa, mulher!

Genoveva

(Irritada) O senhor é quem lhe está dando estas más manhas! Oh! meu Deus! Desde o momento que esta maldita me entrou em casa, vivo no inferno! Está bom, senhora deputada, vá buscar o meu chale e fique aqui com Yayá. Na volta justaremos as nossas contas. (Maroca sae pela D. A.)

Ricardo

Não sei quando é que você ha de emmendar-se.

Genoveva

Se quiser, falle alto, para esta macreada ouvir e mande que me dê uma duzia de bolos!... É só o que falta. (Maroca traz o chapéo) Feche a porta por dentro e ponha-se alerta! Quando eu bater, abra logo, Veja lá se vae dormir, Vamos Ricardo!

Ricardo

Graças! (Alto) Vamos... vamos. (Saem F. Pega luz)

SCENA VI**Maroca (Só)**

(Fecha a porta por dentro e depois vae á porta da D. espreitando) Durma, creança feliz! Tem pae que a defenda! Tem mãe que a estime... Nada lhe falta! Durma, creança feliz! (Desce) Meu Deus!... Dizem que ha males que nem sempre duram... no entanto, os meus nunca se acabam. Tão cedo perdi minha mãe e tive de servir de mãe ao meu irmão! Meu pae, foi para a guerra e nunca mais o vi,, Era meu avô, que fazia-se quase esquecer que era orphã! E arrancaram-me dos braços d'elle... atiraram-me para aqui, onde nem posso gemer, sem que ralhem, chorar, sem que me batam, rezar, sem que me insultem! (Olhando o painel de Nossa Senhora) Ah! Minha nossa Senhora, quem me déra voltar aos tempos em que vivia lá em casa! Ia pela manhã buscar água ao ribeirão, coar o café, levar á cama para o avô, que me recebia tão risonho e contente! Ia depois com Joanico ao curral, tirar o leite, ver as vaccas, as creações que me seguiam anciadas até dar-lhe o sustento. Depois fazia o almoço e sentava com o avô no buffete para comer

nossos guizados, que elle achava tão gostosos! Emquanto o avô fazia seus serviços, eu lavava, fiava, costurava até á hora de fazer o jantar... alegre, contente, ouvindo cantar os passarinhos, escutando as corridas dos veados, de tarde tratava das flores no quintal, e todos os domingos levava um ramo dos mais bonitos para pôr no vosso altar, minha Nossa Senhora! Ah! que saudades!... Do avô! Do Joanico... De joelhos, deante da cruz levantada no lugar em que minha pobre mãe morreu, rezávamos ás avê-Marias! Ah! Quem sabe se ainda me lembro da toada do avô.

(Ajoelha deante do painel e canta Ave-Maria. Ás ultimas notas, vae-se abrindo a janella e entra por ella Silvinha e fecha-a immediactamente)

SCENA VI

MAROCA e SILVINHA

Silvinha

Muito bem, Maroca!

Maroca

(Assustada, levanta-se) Ah! Que susto, meu Deus!... Por onde entrou o senhor aqui?

Silvinha

Pelo buraco da fechadura!... Que quer? Quem ama, faz milagres!

Maroca

Mas o que quer o senhor aqui, a esta hora?

Silvinha

Pouca coisa. Quero que você se resolva a deixar esta casa, em que tanto tem padecido.

Maroca

Para ir-me embora em casa do avô?

Silvinha

Não. Para morar commigo.

Maroca

Isso nunca! A que titulo? O senhor era capaz de se casar commigo?

Silvinha

Quem sabe?

Maroca

Sei eu, a quem o senhor tem feito as mais infames proposições. Sei eu a quem o senhor tem feito perder a maior felicidade para atirar-me n'este inferno de vida, n'esta casa onde o senhor quer que eu seja vencida... não pelo amor, mas pelo desespero!... Ah! e como isso é cruel!... O senhor quase me mata, instigando sua barbara irmã para maltratar-me... E vem propor-me para morar em sua companhia! Olhe, senhor Tónico, ainda mesmo que a sua proposta não fosse uma

infamia, eu a recusaria, porque a companhia de homens como o senhor, peor que a dos leprosos!... O senhor não mancha só; queima, abate, humilha!

Silvinha

Ah! Maroca... Como você é cruel!...

Maroca

Cruel é o senhor, que vê uma moça na borda do abysmo e quer lançal-a ao fundo!... Mais do que cruel... é... deshumano!

Silvinha

Maroca, não seja injusta!... O meu fim era fazel-a feliz!

Maroca

Feliz!... Feliz era eu, como o senhor nunca foi e nunca o ha de ser!... O senhor sabe o que pe querer bem a um velho que nos creou, que nos carregou em seus braços, que acha consolo em nossas palavras... força em nosso sorriso, amparo em nosso trabalho, alegria em nossas alegrias?... Ah! O senhor não sabe! Tem um pae que só ama o dinheiro, esse dinheiro que o senhor furta-lhe quando quer jogar, e com que compra sentimentos que ninguem pode ter pelo senhor...

Esse dinheiro que não póde dar alegria, porque é filho das lagrimas dos miseraveis captivos. Esse dinheiro que o torna prodigo, ingrato e pervertido!

Silvinha

Oh! é demais!

Maroca

Demais, é o senhor querer abusar de uma pobre moça, sem amparo, sem abrigo, sem protecção, sem família! Uma pobre moça que a desgraça trouxe aqui e a perversidade quer perder!

Silvinha

Attenda-me!

Maroca

Não attendo! Saia, saia d'aqui!

Silvinha

Maroca!

Maroca

Já lhe disse! Saia, se não quer que eu vá á janella gritar por socorro!

Silvinha

Pois bem, Maroca, eu saio, mas antes ha de ouvir-me! Não sabes o amor immenso que eu sinto por ti, e quanta razão eu tenho para amar-te! Tua mãe amamentou-me, repartindo commigo o leite que era só para ti. Crescemos juntos e juntos tantas vezes brincamos, ora na minha, ora na tua casa. Juntos corríamos atraz das borboletas do campo. Juntos caçávamos os coelhinhos do brejo, juntos

mariscávamos dias inteiros pelo ribeirão, sem que nossos Paes siquer soubessem onde estávamos... Não te lembras, Maroca?

Maroca

Lembro-me, sim!

Silvinha

Aprendemos a ler no cólo da minha tia... éramos dois verdadeiros irmãos! Depois vim á villa estudar... Acredita-me, Maroca, nunca esqueci de ti. Nos meus passeios, junto dos meus collegas, nas reuniões familiares, ente as moças garbosas que primavam pelo luxo e ostentação, nunca te pude esquecer! Voltei... Vi-te mais bella, mais encantadora, mas envolta nos andrajos da pobreza.

Maroca

Que importa a pobreza, se eu era muito mais feliz!... Creia senhor Antonico, eu não troco o que lpa se veste, pelas sedas que aqui se arrastam, ganhas com o suor do marido infeliz; com a perdição de muitos homens de bem, com a desgraça e a tristeza de muitas familias honestas.

Silvinha

Pois eu não pensei assim, Maroca, e por isso te propus por vezes para fugires de lá.

Maroca

E eu recusei sempre!

Silvinha

Mas agora, que de lá sahiste, que nada mais te prende aquelles lugares, que estás maltratada n'esta casa, lembra-te que teu irmão de outr'ora tem uma rica chacara, creados para o servir, cavallos para passeio, dinheiro, muito dinheiro para gastar. Vem, Maroca, vem ser a senhora de todas as minhas riquezas!

Maroca

Reúna-as todas, senhor Antonico, offereças, que não faltarão por ahi pelas ruas da cidade, mulheres que andem atraz das riquezas, dos palacios, dos carros dos pródigos desalmados que acham nada, promover a deshonna de quem chamam irmãs!

Silvinha

Maroca, por piedade!... Olha, ainda não achei quem não se dobrasse a meus pés! No entanto vê... (Ajoelha) Hoje sou eu quem te supplica!... Vem fazer a minha... a nossa felicidade! Pela alma de tua mãe t'ó peço...

Maroca

Não seja desgraçado, senhor! Não invoque assim o nome de uma santa para auxiliá-lo n'uma acção tão vil! Levante-se. Senhor... e ordeno-lhe que saia.

Silvinha

(Lev.) E quem é a senhora para dar-me ordens n'uma casa que não é sua?

Maroca

Uma moça honesta, que não escolhe a ocasião para ensinar um insolente a respeitar sua honradez! Se o senhor não sabe respeitar a casa de sua irmã, eu obrigo a fazel-o.

Silvinha

Pois bem. Já que não queres attender-me por bem, já que as minhas supplicas não podem vencer-te, sabe que has de ir por mal. Um carro nos espera na esquina... Irás á força! (Tira o lenço)

Maroca

(Corre á Janella) Eu grito por socorro!

Silvinha

(Segurando-a) Podes gritar. (Procura amordaçal-a. Juca salta a janella)

SCENA VII**Os mesmos e JUCA****Maroca e Silvinha**

Juca!

Juca

Sim, Juca! Juca, que, por mal dos seus peccados e por causa da policia deixou a faca na venda, senão te varava as tripas, sô cão fila! Juca, que todos os dias vem sabê noticia d'esta pobre menina, que você quer perdê, sô miseravel! Juca, que ha mais de uma hora está na esquina, viu todos sahirem e você entrar pro aquella janella, sô ladrão! Juca, que ouviu suas prosa, e não entrou ha mais tempo porque viu a prima lhe ensiná, seu atrevido! Ah! Porque deixei a minha faca? Eu queria distripá este cão!... Miseravel! (Avança) Miseravel!

Silvinha

(Aponta o revolver) Se avança, faço fogo!

Juca

Faça, seu porcaião! Porque se eu tivesse minha faca, te matava!... Faça fogo! Mas quá!... Vancê corage tem, mas é p'ra insurtá meninas como esta! P'ra matá a honra d'llas!... Não é p'ra homes, (Avança) Eu já ensino.

Maroca

(Interpondo-se) Juca, meu salvador. Não faça nada que se perde. Trate de salvar-me!

Juca

Tratante! Quer você vê uma coisa!... Suma-se, que eu ainda não tou direito! Eu arreberto quantos ossos você tem no corpo! Suma-se, suma-se. Satanaz!

Silvinha

Basta! Não precisa dizer mais!... Eu saio!... Fiquem em paz. Desculpem-me se intervirm em seus amores! (Sahe)

Juca

Ah! Cachorro! (Quer seguil-o)

Maroca

(Interpondo-se) Deixe-o, primo!... Ah! quanto lhe devo!

Juca

Nada, Maroca! Vancê não me deve nada! É que eu quero muito bem a vancê e vancê também me quer bem, não é? Eu bem receiava isto. Agóra o que pe preciso é sahir d'aquí quanto antes.

Maroca

Mas como?

Juca

De quarqué geito. Vamos para a roça já e já. Fijamos d'aquí. E se a justiça fôr-lhe buscá outra vez, não havemos de lhe entregar mais. Entregar pra quê?... Para servir de escrava dos ricos?... P'ra depois um demonio d'estes... (Subindo) Ah! marvado!... Vir abusar da sua innocencia?... Não, Maroca, ninguem mais ha de entregá vancê! Vamos!

Maroca

Mas elle pode estar-me esperando na porta.

Juca

(Tomando uma bengala) Eu abro caminho! O que é preciso é sahi d'este inferno!... Vá dar alegria ao nosso sitio que inda parece que está de luto. Ninguem mais ri, ninguem mais canta, ninguem mais forga! Tio Pedro anda triste que uma penuria, e cada vez mais cego.

Maroca

Coitado!... Pobre do avô.

Juca

Vamos. (Dirige-se á janella)

Voz fora

Por aqui não passa!

Juca

(Pelo F.) Vamos por aqui mesmo.

SCENA IX

Os mesmos, GONÇALO, POLICIAIS, GENOVEVA e SILVINHA

Gonçalo

(Do F.) Está alli o ladrão, eu vi entrar pela janella.

Juca

(Brandindo a bengala) O primeiro que chegar, fica no lugar!

Gonçalo

Está preso á ordem do delegado! (Os soldados prendem-no)

Maroca

Meu Deus! Protegei-me!

Juca

Mas qual é o crime?

Gonçalo

Entrou fóra d'horas para esta casa.

Genoveva

(Entrando) Que barulho é este aqui?

Gonçalo

É este homem que entrou pela janella e ia sahindo com esta menina.

Genoveva

Com a caipira?... Eu bem dizia que ella era uma fogueta. (Desce á D.)

Juca

Senhora dona... (Aos guardas) Larguem-me, larguem-me, que eu quero contá o que vim fazê... Senhora... Senhora! O infame, o miserave criminoso, é esse homem... esse desgraçado que queria...

Maroca

(Aparte) Meu Deus!

Genoveva

(A Maroca) Quanto á senhora, sua hypocryta, vá dar expansão as seu genio depravado, fora da casa, de uma familia honesta! Saia, e n'este instante!

Maroca

Senhora! Onde irei eu a esta hora?

Genoveva

Saia, já lhe disse! Nem mais um momento a consinto em minha casa!

Maroca

(Ajoelhando) Pelo amor de Deus!

Genoveva

Senhor Gonçalo, ponha já na rua esta mulher perdida!

Gonçalo

Venha, menina! Eu a protegerei!

Maroca

Oh! (Gonçalo puxa-a)

Silvinha

Obrigado, minha estrella! Ainda d'esta vez a victoria será minha!

Cae o panno

Fim do 2° acto.

TERCEIRO ACTO

A mesma scena do Primeiro acto. Ao F. E. uma porção de jacás, Á D. um caldeirão pendurado em 3 paus. Cargas cabretos, embornaes, etc. Uma cabaça e um barrilote.

SCENA I

IGNÁCIO e TROPEIROS

Ignácio

(cantando)

– Eu vou dar a despedida

Como deu o beija-frô

Amanhã eu vou-me embora

Adeus, adeus, meu amô.

1º Tropeiro

– Truco! Nhô!

2º Tropeiro

– Jogue, papudo!

3º Tropeiro

Vá cum nove de seis é pouco!

1º e 2º Tropeiros

Apinche! Derrube tudo! Acabem já!

Todos

(Rindo) Ah! Ah! Ah!

1º Tropeiro

– Dê carta. Você bota o mardito Zápe a capim, mais veremo agora que eu vou fazê teia.

3º Tropeiro

Pode fazê cumpanheiro!

Ignacio

(Deixando a viola) E o causo é que a gente ir p'ra longe é na bôa massada. Se não fosse a percisão de ganhá alguns cobre eu não ia nem p'ro nada!... Deixá tudo a Deus dará... casa... as creação, roça e inté a muié... O que vale é que nhá Chica é fazenda sem risco de avariá. (Aos tropeiros) Nhô Antonio.

1º Tropeiro

Nhô.

Ignacio

Deixe um pouco de filá as carta. Vá vê agóra se acha a gateada, bote ella no moirão e passe graxa nas pizadera. Eu acho que ella se butô p'ra tiquéra do capitão Sirva. Não vorte sem trazê esse tinhoso do diabo!

1º Tropeiro

Nhô, sim. (Tira um cabresto e emburnal e sae)

Ignacio

Ó diacho é nhô Mandú tar-se demorando. È um socio assocegado de mai. Foi ha tres dia na Villa e nada de vim até hoje! Despoi inda manda dizê que trais mai um piá. P'ra quê. Se nois dói não percisa de gente. É só mai um comedô de feijão. (Chama) Nhô João!

2º Tropeiro

Prompto, nhô Ignacio!

Ignacio

Leve aquelle corote no ribeirão e incha de agua. (2, F. sae) Eu entonce vou surti este purungo de pinga p'ra segui aminhã e que leve o diabo! Aminhã que vou-se embora quer nhô Mandú venha, quê não. Até quando hade se está invernando aqui? De repente cahe uma chuvarada, o assucre vira melado e a gente que agüente o perjuiso! Nada... se nhô Mandú não vim, aminhã que vá nos arcançá no caminho! O diabo é deixá nhá Chica! Ai, ai! Antes ella fosse a mulinha ruana que leva o cargueiro, ansim eu não me superava d'ella! Botava uma broaca da outra banda do pescoço, e endireitava a carga e ia-se inté os confim do mundo. (Sae, E. A.)

SCENA II**PEDRO, JOANICO, depois IGNACIO****Pedro**

(Está cego e vem conduzido por Joanico. A um viandante) Uma esmola pelo amor de Deus! (O viandante dá-lhe esmola) Deus lhe pague. (Senta ao pé da casa) Ai! Ai! Seja pelo amor de Deus! Então, quanto tiramos, Joanico?

Joanico

Está aqui, avô. (Dá-lhe um saquinho)

Pedro

Leva, meu filho, leva ao capellão. Elle que conte. (Joanico sae D.) Segundo me disse, já recebi um meia dobra, não chega... É preciso tirar mais algum... Ha de-se tirar... O que é preciso é que Deus me dê vida e força para pedir a todos... e porque não ha de dar? Elle não deu tantos trabalhos?... Dar trabalhos e tirar forças para vencer, para resistir... Seria uma crueldade, uma covardia... Mas dizem que além de todo Poderoso, elle é pae. Vamos ver até onde elle consente que um seu filho padeça para resistir a tantos males que lhe causa... ou que causaram a elle.

Ignacio

(Á E. A.) Adeus, nhô Pedro. Já de vorta?

Pedro

Pois não são cinco horas? D'aqui a pouco é noite e eu ficava ahi pelas estradas... não digo por mim, porque para mim, a qualquer hora é noite sempre, desde que amanhece até escurecer; desde os olhos até ao coração.

Ignacio

Eu inté acho que mecê não percisava andá se arriscando por essas estradas, não percisa d'esmolos para se sustentá.

Pedro

É verdade, nhô Ignacio. Ninguem me nega um prato de comida! Mantimento não me falta... Todos me acodem. O feijão, o arroz, o toucinho até me sobram na sispensa, sobram sim, porque eu nem como mesmo!... Mas de que serve tudo isso? Se eu nem quero viver! Viver só, sem a minha alegria, a minha vida, a minha neta, é pior que a morte! Ah! nhô Ignacio! É triste ser cego, não ver a luz do dia, não é? Pois mais triste é ter nascido com vista, ter conhecido a luz do sol, ter enxergado o céu, as estrellas, as flôres, os filhos, tudo quanto ha de bonito no mundo, e num repente ficar para sempre no meio da escuridão! Foi o que me aconteceu. Hoje soffro, soffro mais do que se nunca a tivesse tido, porque sei quanto perdi!

Ignacio

(Aparte) Coitado! (Alto) Então, se é de tristeza que mecê anda pedindo esmola?

Pedro

Isso não nhô Ignácio! Seria uma vergonha uma pessoa andar pedindo esmola só para disfarçar a tristeza! Peço porque quero ir na Villa requerer a emancipação da minha neta. Já não me acham sufficiente para ser tutor d'ella, quero provar á justiça que ella não precisa de outro tutor, que ela é capaz de se reger, que tem juízo, muito mais juízo que esses juizes que a tiraram da minha companhia, que era um lugar de respeito, para depois a atirarem no meio da perdição.

Ignácio

Mas p'ra isso é preciso dinheiro?

Pedro

Como não! Pois a justiça não dá um passo de graça.

Ignácio

Os ricos que podem, que paguem por nois, que sêmo pobre.

Pedro

Como mecê esta enganado! É tudo pelo contrario... Dizem que a justiça é cega... eu creio... É cega p'ra não ver o crime dos ricos. Quando nós comettemos alguma falta, abre-se a cadeia p'ra nós; não falta quem jure que nós somos culpados. O promotor pede a nossa condenação. E nós lá vamos cumprir sentença, deixando muitas vezes os filhos na miseria e a mulher na perdição.

Quando os ricos cometem crimes, não falta que os encubra; os juizes se escondem as testemunhas fogem, os jurados perdôam... É triste nhô Ignacio, mas é pura verdade.

Ignacio

Mas devéra, nhô Pedro?

Pedro

É o que lhe digo! Quando é o rico que se queixa, não falta que nos queira perseguir.

Ignacio

Eu effeito, nhô Pedro. Despoi, quando nois faiz justiça por nossas mão, nois é que semo sevaje, sem inducação, como elles diz.

Pedro

É mesmo, nhô Ignacio. Por isso é que eu quero dinheiro para requerer. O advogado ha de se interessar por mim, se empenhar, até que eu alcance o que quero.

Ignacio

E não haverá uma arma caridosa, que lhe empreste esse dinhêro, p'ra mecê não andá tirando esmola?

Pedro

Alma caridosa!... Mandeí escrever ao senhor Tónico Silvinha, que creou-se com Maroca... nem me respondeu! Bati á porta do pae, o capitão Silva, não só me recusou, como disse que a felicidade da minha neta era ter ido para a casa da filha d'elle! Infame! Então a felicidade de uma menina está no dinheiro de um avarento que vem rouba-la dos braços de seu velho avô?... Então, se não fosse a filha d'elle, minha neta havia de morrer de fome?... Nunca mais lhe cruzei os portaes!... Á visat d'isso, não procurei mais ninguém. Quando estes que pareciam me estimar tanto, procederam assim... não quis procurar mais desillusões, porque doem muito... muito!... Agora resta-me saber como irá ella na Villa. Nhô Mandú, prometeu trazer noticias d'ella. O caso é que já está-se demorando.

Ignacio

É verdade, mas me parece que hoje sem falta elle chega. A demora d'elle eu acho que é mesmo p'ra precurá nhã Maroca.

Pedro

Procurar? Não precisa. A casa do senhor Ricardo é muito conhecida.

Ignacio

Poi nhã Maroca não foi já despedida de lá, nhô Pedro?

Pedro

Como é? Maroca despedida?... Quem lhe disse isso, nhô Ignacio?

Ignacio

Pensei que mecê já sabia. (Aparte) Hom'essa! Como ta p'ra sê agora? Como é que eu fui contá? Agora não tem remedio... Fallo tudo! (Alto) Foi... Diz que ella andava discontente... a dona lá não era bôa.

Pedro

Pobre da minha neta! Sei quanto terá padecido aquella pomba sem fel, anjinho do altar.

Ignacio

Vae, acontece um dia... e... não sei que bate bocca tivéro, e foi ella... despachou a Maroca.

Pedro

E porque não a trouxeram para cá?... Seria possivel que ella mesma não quizesse voltar?... Não creio! Ella não é ingrata. É porque não teve quem a trouxesse. E não saber eu antes, para ir correndo buscal-a... trazel-a ainda que fosse n'estes hombros, em que tantas vezes a carreguei. Porque não m'o contaram ha mais tempo?

Ignacio

É que nois esperava que nhô Juca a trouxesse.

Pedro

Ah! sim, Juca!... Que é feito d'elle que não a trouxe?

Ignacio

Foi preso!

Pedro

Preso?!... Como?... Porque?

Ignacio

No dia da rusga elle percebeu a historia, e pulou p'ra dentro da jinella!... Ahi a patruiá veio e ferro n'elle! (Aparte) Prompto! Despejei todo o jacá!

Pedro

Pobre rapaz! Foi victima da sua dedicação! Porem, fez mal. Se havia porta, para que entrou pela janella? Podiam pensar que havia alguma combinação com a Maroca, e a reputação d'ella ficava mal. Imprudencia do rapaz. Mas a minha neta, onde estará ella? Só. No abandono, no desamparo! (Levanta-se) Vem, Joanico, vem, meu neto. Vamos, vamos depressa!

Ignacio

Joanico não está ahi, nhô Pedro.

Pedro

Não importa. Irei só.

Ignacio

Mas já é quage noite.

Pedro

Que tem isso? Para mim, é noite sempre. Desde que aquelles malditos me roubaram a neta, chorei tanto que apaguei com as lagrimas a luz dos olhos, como se tinha apagado a alegria do meu coração! Nhô Ignacio, leve-me até á estrada da Villa. Largue-me lá que eu irei bem certo até onde está aquella pobresinha, abandonada e só. (Dá alguns passos)

Ignacio

Não precisa, nhô Pedro. Nhô Manduca não pode tardá. Vem hoje sem farta p'ra nois segiu aminhá. Elle prometteu procurá nhã Maroca inté achá ella.

Pedro

Nhô Mandú é muito bom, mas não é avô; não sente por ella esta falta que me atormenta, este cuidado que me afflige, esta saudade que me mata! Eu é que heide descobril-a, nem que esteja no fundo de uma sepultura.

Ignacio

Assoccegue, nhô Pedro. (Espia á E.) Oie, lá chegaro uns cavalleiro na venda do Fillipe... Vou vê se trazem alguma noticia. Se trouxerem eu corro p'ra le contá! Não se afflija, nhô Pedro, que nois tudo aqui, somo por mecê.

Pedro

Reconheço... reconheço... Mas é que na minha afflicção, temo que seja trade demais...

SCENA III**PEDRO, depois SILVINHA e 4 PRAÇAS EMBUÇADAS****Pedro**

Despedida! Abandonada! Atirada no meio da rua com um cão sem dono. (Ajoelhando) Ah! Deus do céu! Se é verdade que ha um Deus... que sois vós... Entregae-me minha neta!... Já que me tiraste a vista e me consumiste as forças, retitui-me ao menos o amparo, o consolo da minha velhice!... Dae-me a minha pobre Maroca! (Cae sentado no banco junto á porta)

Silvinha

(A. 2, com as praças) Aqui é o sitio da Ave-Maria. N'aquella casa, morava ella com o avô. Se veio, está aqui; se não veio ainda, logo apparecerá, e então segurem-n'a. Se os caipiras resistirem, façam fogo, contanto que prendam a menina. Vamos rondar o avô, para ver se nos diz aonde ella está. (Desce a Pedro) Viva amigo!

Pedro

(Levanta-se) Deus lhe bons dias, meus senhores!

Soldados

A esta hora?... Ah! Ah! Ah!

Pedro

Para quem só vê as trevas, a toda a hora, o que de melhor pode desejar aos outros senão que tenha sempre dias bem claros deante de si? As noites? Essas ficam para os desgraçados como eu.

Silvinha

Então julga-se muito infeliz?

Pedro

Ah! muito! Mas... antes de tudo peço que me digam: Vossas Senhorias veem vindo da Villa?

Todos

Sim senhor.

Pedro

Então, talvez me possam informar uma coisa: Ha mezes levaram-me d'aqui uma menina, minha neta: era meu ídolo. Consta-me que foi despedida da casa do tutor... Vossas Senhorias não ouviram falar n'isso? Não saberão me dizer por onde andará a minha pobre neta?

Silvinha

Tenho idéia de que disseram-me que fugiu.

Pedro

Não! Isso é impossivel!... É falso!

Silvinha

Tanto que o juiz de orfãos expedio mandado de apprehensão.

Pedro

Não creio. Mas uma coisa lhe digo: Se ella já tivesse apparecido, não haveria juiz que pudesse arrancar-a dos meus braços. Mais facil seria, levarem-me com ella!

Silvinha

Esse trabalho não terá, senhor Pedro. A menina sumiu-se provavelmente foi para alguma praça maior onde possa livremente ganhar a vida.

Pedro

Senhor! Essas palavras eu não acredito. São um insulto!

Silvinha

(Entre-olha-se com os soldados) Longe de mim tal pensamento. Conto-lhe apenas o que corre pela Villa. Pela minha parte, póde ficar certo que só desejo auxiliá-lo! Indique o que quer que eu faça e eu farei. Diga-me onde supõe que ella esteja e eu irei buscá-la. Se o senhor entende que precisa de dinheiro para trazê-la á sua companhia, estou

prompto a concorrer o meu quinhão. (Dá-lhe uma nota) Receba já esta quantia, e se precisar de mais, exija com franqueza.

Pedro

(Recebendo) Deus lhe pague, alma caridosa e bôa! Quando eu souber onde ella está, talvez precise ajutorio para tiral-a, e então, acceitarei o concurso de todos.

Silvinha

(Aos soldados) Decididamente não esta aqui, porem, mais cedo ou mais tarde, ha de voltar. Por isso, ponham-se de sobre aviso. (Afasta-se)

SCENA IV

Os mesmos e JOANICO

Joanico

(A 2, entrando) Já entreguei, avô.

Pedro

Toma mais este para leval-o amanhã.

Joanico

Quem deu, avô?

Pedro

Um destes senhores que ahi estão.

Joanico

Ah! já sei. Foi o seu Tónico Silva.

Pedro

Quem?... O cunhado do tutot de Maroca?... O irmão d'aquella que a despediu?... Oh! Como foi que este dinheiro não me queimou a mão?... Senhor! Ó Senhor!

Joanico

(Chamando) Seu Tónico! Ahi vem elle.

Silvinha

Que quer de mim?

Pedro

Senhor Tónico, não lhe conheci a falla... é que ha muito não nos encontramos. Houve tempo em que até o seu tropel eu conhecia. Era quando o senhor brincava com a minha neta n'estes arredores. O senhor cresceu, foi para os estudos... poucas vezes o vi. Mas os senhores não nos estimavam. Nunca, nunca foram nossos amigos.

Silvinha

Senhor Pedro, o senhor é injusto para commigo.

Pedro

Quiz trazel-a para minha casa... fui pedir a seu pae algum dinheiro para requerer á justiça que m'a entregasse minha neta... Seu pae recusou-se. Mandeí escrever-lhe ao mesmo tempo, no mesmo sentido e o senhor nem me respondeu.

Silvinha

A resposta acabo de dar-lh'a com esse dinheiro.

Pedro

Depois foi que eu soube que os senhores tinham interesse em conservar minha neta no triste captivo em que se achava. Era preciso quem servisse sua irmã! Ah! senhor Tonhico! Foi assim que retribui a estima sincera que lhe tínhamos! Foi assim que os seus romperam com o pobre velho, a amizade que fingiram sustentar por tantos annos. O dinheiro que o senhor me deu é um escarneo!

Silvinha

Senhor Pedro!...

Pedro

Ou quem sabe, se espera em nome d'essa esmola que me atira, seduzil-a em minha propria casa? Ah! senhor Tónico! Se é isso, fique sabendo que ainda conservo um trabuco velho, mas que não nega fogo. Não me obriguem a descel-o da estaqueira, d'onde só tem sido tirado para mattar cobras ou ladrão! Tome seu dinheiro, senhor Tónico.

Silvinha

A sua injustila commigo, senhor, passa ao excesso!

Pedro

Talvez! Mas o meu coração pe muito leal, e elle me diz que o senhor tem abusado sempre de nós, melhores que tantos outros, que o senhor tem desgraçado? Senhor Tónico, tome o seu dinheiro.

Silvinha

Não acceito, mórmente depois de me haver insultado!

Pedro

Pois então, vá dal-o a seu pae, que o receberá com prazer de avarento, ou á sua irmã em paga da hospedagem que deu á minha neta! (Atirando-lhe o dinheiro. Os soldados apparecem á E. M.)

Silvinha

Senhor Pedro, o senhor vale-se de sua idade para ser atrevido! Olhe que eu não tenho obrigação de aturar desafôros de qualquer caboclo.

Pedro

Caboclo! Serei caboclo, mas não troco as minhas acções pelas suas. Estou velho, estou cego, mas em toda minha vida você não me encontra uma mancha! Não atraíçoei um amigo, não desprezei nem persegui um pobre, não tirei ninguem da companhia de seus

Paes! Vocês não podem dizer outro tanto. Serei caboclo, mas odeio, aborreço, desprezo os infames como o senhor. (Sae)

Silvinha

Vá embora, velho caduco! Ha de se arrepender!... É mania d'esses diabos velhos, assentarem que teem direito de dizer tudo aos moços! Culpa tive eu de não dar-lhe uma lição de mestre! (Apanha o dinheiro) como não quiz, volte para a algibeira! Dá bem para uma parada! No Filippe ha uma banca formada... Vou tentar a sorte! Ah! maldito Gonçalo! Se não me tivesse roído a corda, não tomaria esta maçada! Também não sei onde estive com a cabeça, que confiei n'aquelle tratante!... (Aos soldados) Vocês esperam aqui por perto... Quando eu apitar, cheguem e prendam quem eu indicar. (Sahem)

SCENA V

Ignacio (Só)

Nada de Nhô Mandu chega!... Já estou meio desconfiado com tanta demora delle? Queira Deus não seja alguma folia!... Pois que mais?... Foi vê nhã Maroca, não é?... Não achou, vorte p'ra traiz e vamo segui nossa viagem. Inte quando estaremos parado aqui?... Tropa carregada, tudo prompto e elle emperrado na Villa. N'uma conta!... Isto nem tem atura. O perjuiso, nois temo pela certa. D'aqui a pouco começa as nova moage e temo assucre quagi por nada. E nois que não paguemo este muito barato... Ai! ai! (Pega na viola) Quando eu estou ansim com malinconia, nem nhã Chica me consola; só pinho é meu despique!

(Canta)

No mundo tudo é custoso
Mas esperar é que cansa
Embora digam p'rahi
Quem espera sempre arcança

Eu tenho grande sôdade
De um dia que já lá vae
Em que a minha santa mãe
Deu uma surra no nhô pae

Fui um dia na cidade
Vi coisa de mettê dó
Mocinha de saia curta
Mostrando os mocotó!

Casá cum muié papuda
Só com uma condição
É ella durmi na cama
E o papo durmi no chão!

N'uma muié num se bate
Nem com frô – dis o ditado
Mas só se deve baté

C'um rabo de tatú moiado!

No céo existe as estrella
 No má o peixe em porção
 Eu gosto de muié veia
 Porque não tem perigo, não!
 Parece troça parece
 Mas é verdade somente
 A gente nunca se esquece
 De quem se esquece da gente.

A lingua d'uma muié
 É mais pió que um canhão
 Se as guerra fosse de lingua
 Coitado dos allemão!

Quem tem carneiro, tem lã
 Quem tem porco tem presunto
 Eu num caso com viúva
 Por sê rosto de defunto

A muié é um buscapé
 Que corre como a serpente
 Quanto mais se foge d'ella
 Mai ella corre atraiz da gente.

(Deixa a viola e vae á estrada) Quá! não vem mêmo! Se elle não fosse home serio, eu dizia que elle se metteu-se n'arestrepolia, e foi pará na cadeia! (Toque das Ave-Marias) Avê-Maria! É hora da reza de nhô Pedro. Bamo avisá elle. (Á porta) Nhô Pedro, está raiando Ave-Maria. Bamo rezá.

SCENA VI

O mesmo, PEDRO, JOANICO e TROPEIROS, depois MANDÚ e MAROCA

Pedro

Vamos, vamos rezar! É o único consolo que me resta. Já nos falta que nos puchava a nossa reza! Era a obrigação d'aquella por quem tanto tenho chorado!
 (Ajoelha e canta a Ave-Maria. Antes da 2ª. Parte, aparece Mandú e Maroca)

Mandú

(Baixo a Maroca) Está tudo rezando!... Bamo, ajoeia tambem. (Ajoelham na 2ª, parte. Maroca canta; á proporção que a sua voz se salienta, Pedro vae-se sobresaltando; ao finalizar elle levanta-se)

Pedro

Meu Deus! Será um sonho!... Será illusão?!... Esta voz! Esta voz é d'ella... Oh! quem é que está ahi? Quem é que canta assim? Foi algum anjo do céo que veio repetir a meus ouvidos... Mas não... não é possivel!... Eu ouvi! Oh! digam-me!... Digam-me quem foi que cantou assim!... Maroca! Minha neta! Tu estás aqui!

Maroca

(Correndo-lhe aos braços) Ah! Avô!...

Pedro

Meu Deus, será possível!... És tu, minha neta? (Apalpa-lhe o pescoço) Porem esta camisa é de homem?... (Apalpa-lhe o rosto) Mas este rosto é o seu... Estes cabellos são os d'ella!... Oh! sim, é ella! É Maroca!... É minha neta! (Chora) Até que afinal, Deus teve pena de mim!

Mandú

(Baixo) Baixo, nhô Pedro!... Oie que ella veio fugida!

Pedro

Fugida!... Fugida?... E porque? Por acaso é alguma criminosa? Não! Ella é innocente... é santa... é pura como foi d'aqui... Não é assim minha filha?

Maroca

Sim, avô!... Eu sou innocente!

Mandú

É pro que há mandado de prisão, p'ro que fugiu do tutor!

Pedro

Mandado de prisão?... Quem é que pode agora mandar que se tire d'aqui o meu thesouro? Olhem, meus amigos, está aqui a minha neta. Eu juro que d'aqui nunca mais há de sahir. (Ouvem-se apitos. Soldados apparecem)

Ignacio

Ei, que temo o cardo entornado!

Soldado

De ordem de Juiz de orphãos, entreguem-me a menina Maria, orfã evadida da casa do seu tutor, o Sr. Ricardo Costa.

Ignacio

Oia, seu sordado! Aqui não tem nenhuma muié... Só se é minha muié, mas essa chama-se nhã Chica.

Maroca

Senhor, essa orphã que procuram, não se evadiu de casa alguma. Foi despedida da casa do seu tutor, lançada ao meio da rua, procura a casa de sua familia e o amparo de seu avô.

Pedro

Sim, e d'aqui não sahirá senão sob o meu cadaver.

Todos

E do meu também. (Armão-se)

Soldado

É inútil a resistencia. O mandato diz que se resistirem, eu faça fogo. O primeiro que se de atirar é o chefe, o senhor Pedro, depois iremos até ao último.

Ignacio

(Aparte) Levou a breca tudo!... Quem há de arresistí a estes fuscos com a sua reúna?

(Alto) O que eu digo é que aqui não tem muié nenhuma.

Soldado

Deixemos de historias! Entreguem-me a menina, senão faço fogo.

Maroca

Pois bem, senhores. Se é preciso para os lobos lá da Villa uma victima, eis-me aqui! Fazel-a! Sou eu a mulher que os senhores porcuram! Tenho luctado quanto me é possível para resistir aos males que me assaltam. Fome, castigo, tudo arrastei, tudo venci!... Mas não basta! Querem mesmo sacrificar alguém? Desejam ver sangue derramado? Uma existencia cortada, num futuro desfeito! Eis-me aqui. Vamos, soldados!... Pontaria sobre mim, que sou a culpada que fugi, que vos illudi e que agora resisto á intimação! Vamos fazei fogo, soldados!

Soldado

Deixe-se d'isso! Tóca p'ra villa é que é!

Pedro

Não vae! Matem-nos, matem-nos se quizerem, do contrario d'aqui não sae!

Mandú

Rapaziada, oio vivo! Se elle ateimá, bamo ensiná essa diabada!

Ignacio

(Aparte) E esta? Como ha a de sê agora?

Soldado

Então, por bem não a entregam, não é?

Todos

Não!

Soldado

Pois eu os ensino! Camaradas! Preparar! Apontar!...

SCENA VII**Os mesmos, GONÇALO e JUCA****Gonçalo**

(Vendo o aparato) Que diabo! Temos guerra?... Olá, senhores da guarda! Façam alto e descançar armas.

Soldado

Como é lá isso?

Gonçalo

Leia este papel.

Juca

Adeus, tio Pedro.

Pedro

Juca, sahiste da prisão para vir assistir á nossa morte?

Juca

Que morte, tio Pedro! E ha!... A prima Maroca vestida de tropeiro!... Com fica bonita!

Ignacio

Que é isso nhô Juca... O negocio aqui está preto e mecê tá tão alegre!... E aquelle Gonçalo! Só fartava esse mardito!

Mandu

(Aos soldados) Mas intão, em que nois fica?

Gonçalo

Ora, em que fica!... É bôa! A menina não sae d'aqui!

Ignacio

Como é? Não vae?

Gonçalo

(Receioso) Não vae, não senhor.

Pedro

Que ouço?!

Juca

A verdade, tio Pedro. Ninguem mais tirará a prima da nossa companhia.

Ignacio

Mas como é isso? Me esprique essa historia!

Gonçalo

Pois é coisa mais facil deste mundo. Quando esta menina foi expulsa da casa do tutor, por artes do seu Tónico Silva, caloteiro mór, que nunca me pagava o que me promettia, eu occultei-a em minha casa sob a vigilancia de minha mulher, que é uma santa, e começou a estimal-a como se fosse sua filha. O Silvinha não podendo encontral-a, soltou o Juca para ver se seguindo-o, dava com ella. Mas eu minha mulher, fomos finos. Tratamos de fazer com que a menina fugisse disfarçada em tropeiro. Eu levei o Juca a casa de um advogado e ele requereu licença do Juiz para casar-se com ella.

Pedro

E conseguiu?

Gonçalo

Aqui esta o alvará. Pois um homem da minha cathegoria não havéra de conseguir?

Juca

Mas tudo depende da prima querê...

Maroca

Como não heide querer, se você é o meu salvador, Juca!

Pedro

Juca, merecias este grande premio. (abraça-os) Deus os faça felizes!

Ignácio

Mas como é isso? Casa home co home?

Mandú

Mecê não vê que é disfarço que nhô Gonçalo aranje?

Ignácio

Oie, seu officiá; agóra dê cá esses osso! Esta acção foi a única coisa bôa que mecê feiz em toda sua vida!

Gonçalo

Obrigado. Assim como aquelle cachação que o senhor me deu na venda, foi a maior asneira que o senhor praticou n'este mundo!

Ignacio

Isso não! A mais maió foi eu casá com nhã Chica sem olha p'ro papo! (Alto) Pois o passado, passado! D'aqui pro diante, seremos tudo amigo!

Gonçalo

Agora, hão de me dar licença. Vou intimar o Tónico Silva, que está pronunciado por crime de estelionato! Falsificou a firma do pae!

Ignácio

Vae p'ra cadeia?

Gonçalo

Decerto! As provas são esmagadoras! Pela minha parte, heide fazer o que puder! (Sae)

Pedro

Meu Deus! Já não posso duvidar da vossa immensa justiça.

Ignacio

Nhô Pedro! Como a alegria vortou p'ro nosso sitio, bamo fazê o que ha muito tempo não fazêmo... Vamo frogá

Pedro

Sim, meus amigos! Podeis rir, cantar, folgar. O canto é também uma oração que nós elevamos a Deus em agradecimento!

Ignacio

Assim, assim.

Maroca

(Canta)

Pare lá, não dega mais
Ai Jesus, que pé brejeiro
Se eu tivesse cabedaes
Queria se teu sapateiro.

Pedro

Das alegrias que nos dá; cantae, meus filhos cantae!

Ignacio

Eu vou dá a despedida
Como deu o sabiá
Nhã Maroca foi se embora
Porém agora cá está.

Caboclinha vae p'ra roça
Que tatu lá quê te vê
Té nhô padre sae da igreja
P'ra dançá cateretê!

Nhô Juca vae se casá
Com Maroca que vortô
No sitio da Ave-Maria
As tristeza se acabo!

Cae o panno

Fim da peça.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)